

Homenagem

Prémio Universidade de Lisboa 2014 **Professor Adriano Moreira**

Sábia parceria a da Universidade de Lisboa com o Banco Santander Totta que levou à criação do Prémio Universidade de Lisboa!

1 Distinguindo anualmente, - e cito - «*uma individualidade de nacionalidade portuguesa ou estrangeira a trabalhar em Portugal há pelo menos cinco anos cujos trabalhos, de reconhecimento mérito científico e/ou cultural, tenham contribuído de forma notável para o progresso e o engrandecimento da Ciência e/ou da Cultura e para a projecção internacional do país*» (fim de citação), o Prémio Universidade de Lisboa tem, entre os critérios de apreciação dos candidatos, a *qualidade e quantidade das suas publicações, o rigor e originalidade dos seus trabalhos, os prémios e distinções recebidas, os cargos desempenhados, e o contributo para a projecção nacional e internacional da Ciência e/ ou da Cultura*».

Premiar quem na vida se distinguiu e incentivar a distinção nas vidas que desabrocham na formação universitária,



POR
**Maria da
Glória Garcia**

Reitora da Universidade
Católica Portuguesa

enlaçando as gerações pelos fios de uma porventura ténue visibilidade quotidiana que se constrói e fortalece num crescente fazer bem o que deve ser bem feito, o Prémio Universidade de Lisboa vale, assim o sinto, pelo que promete de futuro ao reivindicar no presente a verdade de um caminho percorrido.

O Prémio Universidade de Lisboa 2014 foi atribuído ao Professor Adriano José Alves Moreira e, por deferência honrosa do Reitor, Professor António Cruz Serra, que agradeço reconhecida, cabe-me o gosto imenso de proferir as palavras que antecedem a sua entrega

formal, tarefa que assumo com emoção em termos pessoais e com a maior responsabilidade em termos institucionais.

2 São muitos e variados os caminhos pelos quais a verdade chega. Ao Professor Adriano Moreira chegou também pela via deste prémio que faz justiça aos seus trabalhos, à obra de vida e ao contínuo reconhecimento dos outros, na ciência e na cultura, em Portugal e fora dele.

Evidenciar a evidência, acentuada em cada sessão de homenagem a Adriano Moreira - e têm sido muitas -, é tarefa para que me não sinto vocacionada, além de que não se enquadra na acção de uma universidade, pois equivale a perda de tempo.

Vou, por isso, dirigir-me, em particular, aos estudantes que se encontram nesta sala, festejando a abertura do ano lectivo, de um lado, lembrando que Adriano Moreira, como cada um de vós,

São muitos e variados os caminhos pelos quais a verdade chega. Ao Professor Adriano Moreira chegou também pela via deste prémio que faz justiça aos seus trabalhos, à obra de vida e ao contínuo reconhecimento dos outros, na ciência e na cultura, em Portugal e fora dele



participou também em idênticas festas nesta universidade e aqui se licenciou; de outro, realçando o facto de que a vida proporcionada a Adriano Moreira pela formação universitária conduziu a que, nos exigentes critérios de atribuição do Prémio, os seus feitos e obra os transbordem em abundância.

3 Com os pulmões a respirar o Nordeste transmontano onde nasceu e que moldou o seu modo de ser e de se relacionar, trazendo consigo a pedra onde o avô Valentim se sentava à porta de casa, aquela que, na poesia de Daniel Faria «*tem a boca junto do ouvido//E para dentro de si mesma sem cessar se diz...*», de mãos dadas à mãe Leopoldina e ao pai António, Adriano Moreira chegou a Lisboa. Aqui, os «*duros mas alegres sacrifícios*» dos pais (a expressão é de Adriano Moreira em *Nordeste*), nessa mistura benfazeja que constrói e robustece fortaleza de arestas macias, permitiram a Adriano Moreira e à irmã Olívia a formação, respectivamente, em Direito e em Medicina.

Aluno de grandes mestres, como Marcello Caetano, Paulo Cunha, Fêzas Vital, Rocha Saraiva, iniciou as lides académicas, como investigador e docente, no âmbito do direito judiciário e penal, coerente com o despontar da paixão por estas matérias ainda aluno, ao escrever um trabalho sobre «*A culpa na formação da personalidade*», o que o preparou de modo especial para a advocacia que iria exercer levado pela mão do Dr. Abranches Ferrão. Os estudos sobre o «*habeas corpus*», publicados no *Jornal do Foro*, IX (1945), e na *Revista de Direito e Estudos Sociais*, II e III (1947), são o fruto de acção teórica e de experiência profissional, como ad-

vogado da família do General Godinho, depois da sua tentativa de insurreição e morte sob prisão em 1946; mas também lhe permitiram uma vivência única, já que a defesa judicial empreendida o levou à prisão do Aljube, por dois meses. A liberdade face ao poder instituído, o humanismo perante o positivismo, o Estado de Direito Formal frente ao Estado de Direito Material são reflectidos, meditados e vertidos em palavras que não se desfazem nem diluem, porque escritas e publicadas. E escritas num momento histórico fundante, de esperança trajado, perante uma Europa em ruínas e um mundo que quer erguer o olhar, e «*... busca as palavras do estio//Busca o estio prometido nas palavras*», como belamente só Sophia de Mello Breyner consegue dizer.

Sensibilizado, no plano teórico, e

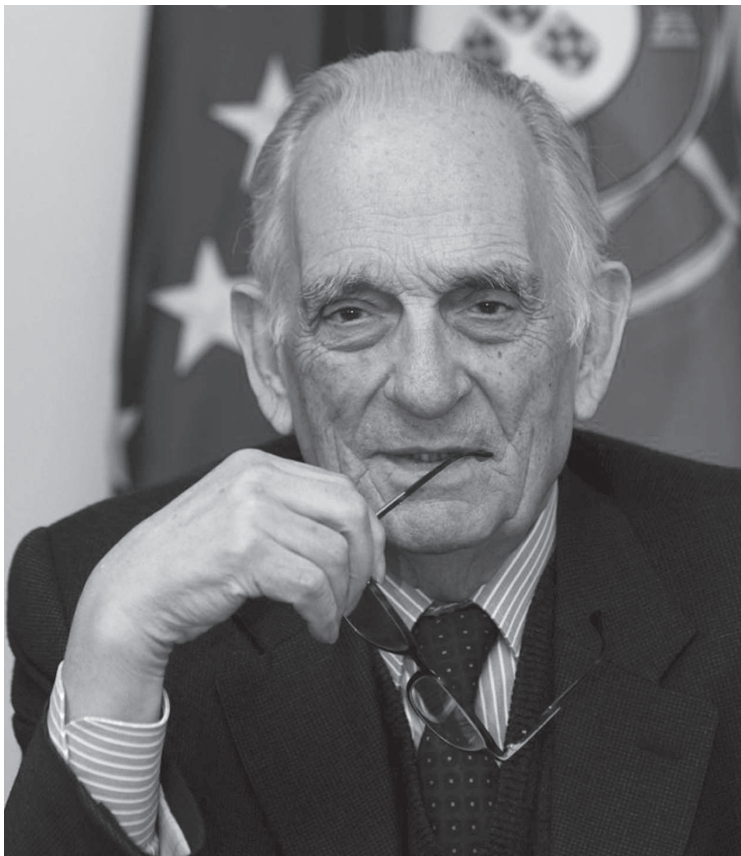
estimulado, no plano dos factos, para a análise dos problemas da liberdade da pessoa humana e o exercício do poder do Estado, não admira que, na sequência de uma visita ao Ultramar para estudar a organização penitenciária, a convite do Ministro Sarmiento Rodrigues e do Subsecretário de Estado Raul Ventura, no início dos anos 50, tenha elaborado um trabalho académico precisamente sobre um tema situado entre o direito penal e o direito ultramarino, em concreto «*O Problema Prisional do Ultramar*». Corria o ano de 1953.

Delegado de Portugal na Organização das Nações Unidas de 1957 a 1959, as relações internacionais atraíram a atenção de Adriano Moreira e ao seu estudo teórico passou a dedicar o melhor do seu labor, debruçando-se, em especial, sobre o problema dos terri-



Aluno de grandes mestres, iniciou as lides académicas, como investigador e docente, no âmbito do direito judiciário e penal, coerente com o despontar da paixão por estas matérias

Vincando realidades que entretecem a vida de Adriano Moreira, procurarei, a partir de agora, com pinceladas impressivas, esboçar um retrato de que são traços definidores a sabedoria, a criatividade, a abertura de espírito, a capacidade para influenciar através da palavra e criar seguidores, a energia para levar as tarefas até ao fim, a proximidade ao tempo e ao espaço em que vive



tórios não autónomos. Nesse enquadramento, publica «Portugal e o artigo 73º da Carta das Nações Unidas» (1957) e «A jurisdição interna e o direito de voto na ONU» (1958) e consegue que as decisões relativas ao Ultramar português fossem tomadas por maioria de dois terços.

A partir daqui e nas cerca de seis décadas que se irão seguir, a investigação da política como objecto autónomo de reflexão científica, expurgado do jurídico, irá centrar a atenção de Adriano Moreira e dele receber um original e rigoroso trabalho intelectual, uma investigação cruzada com a acção política diversificada, qualificada, fiel à insistente e sistemática defesa dos direitos humanos, patente na abolição, como Ministro do Ultramar, do Estatuto do Indigenato, e, bem assim, do trabalho forçado e das culturas obrigatórias.

Quem embala nas sonoridades do «Guardador de Rebanhos» de Alberto Caeiro e acredita que «Na cidade as grandes casas fecham a vista à chave, escondem o horizonte, empurram o nosso olhar para longe de todo o céu// tornam-nos pequenos porque nos tiram o que os nossos olhos nos podem dar// e tornam-nos pobres porque a nossa

única riqueza é ver», tem, no entanto, de reconhecer, em face da vida e obra de Adriano Moreira, que a cidade grande não o tornou pequeno, não o tornou pobre, não empurrou o seu olhar para longe de todo o céu. Muito pelo contrário! A possibilidade, sempre aproveitada por Adriano Moreira, de, após a formação universitária, acumular saber, aliada a uma vivência permanentemente reflectida e conscientemente assimilada, ampliou a sua capacidade de ver muito para além do que os olhos vêem. Por sua vez, a esperança, cimentada em raízes católicas e presente no desejo incessante de contribuir para um mundo melhor, juntou-se ao fundo de valores humanistas e, unidos, irão conformar todo o percurso de Adriano Moreira, espelhado em obra, como o «eixo da roda», a que alude no «Tempo de Vésperas», acompanhando, sem andar, o caminho onde a roda circula.

4 Vincando realidades que entretecem a vida de Adriano Moreira, procurarei, a partir de agora, com pinceladas impressivas, esboçar um retrato de que são traços definidores a sabedoria, a criatividade, a abertura de espírito, a capacidade para influenciar através da palavra e criar se-

guidores, a energia para levar as tarefas até ao fim, a proximidade ao tempo e ao espaço em que vive, abraçando embora o tempo longo e o espaço global, a percepção do oportuno, a atenção aos detalhes. Traços sobre uma tela que acolhe os votos do poema de Agostinho da Silva: obediência à vida, não querer ser rico, não violar-se a si próprio.

Enquanto Presidente da Sociedade de Geografia, de que continua a ser Presidente Honorário, lançou o Movimento da União das Comunidades de Cultura Portuguesa e presidiu em Lisboa, corria o ano de 1964, ao I Congresso das Comunidades de portugueses residentes no estrangeiro, descendentes de portugueses e comunidades filiadas na cultura portuguesa. Seguiu-se a presidência do II Congresso, em 1966, no âmbito do qual navegou «no Índico na rota de Vasco da Gama ao longo da costa de Moçambique» («Nordeste», Casa de Trás-os-Montes, 12/05/2006), mantendo a palpitante alma portuguesa onde quer que ela se encontre. Alma de uma «Nação peregrina em terra alheia» (a expressão é sua), de uma «pátria que não se escolhe», como refere em «O Novíssimo Príncipe», e que se engrandece e expande na língua portuguesa, hoje presente na CPLP, a Comunidade de Países de Língua Portuguesa, uma realidade que, como cidadão, e em diferentes *fora*, não se cansa de evidenciar nas suas mais distintas potencialidades.

Ainda nos anos sessenta (1965) fundou a Academia Internacional da Cultura Portuguesa, de que é Presidente Honorário e tem por divisa «*talant de bien faire*», e, recentemente, em 2010, enquanto Presidente da Academia das Ciências, fez despontar o embrião de uma Academia de Jovens Cientistas, numa aposta de futuro que estes, decerto, não deixarão escapar. Não admira que tenha sido e continue a ser requestado para membro de outras Academias, nomeadamente a Academia Brasileira de Letras, a Academia de Direito e Economia de S. Paulo, a Academia de Ciências Morales y Políticas de Madrid.

Doutor pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa, onde foi Professor Catedrático, Director e Presidente do Conselho Científico, mais tarde distinguido como Professor Emérito, foi também Doutor pela Universidade Complu-

tense de Madrid e leccionou ou lecciona em inúmeras universidades, nomeadamente brasileiras, de que destaco a Universidade Católica do Rio de Janeiro na qual deu um curso, breve tornado uma referência, sobre «*A Comunidade Internacional em Mudança*», com texto publicado. Muitas outras, nacionais e estrangeiras, o distinguiram com o *doutoramento honoris causa* e o têm como marco de homem de ciência e de cultura, estímulo para as novas gerações. As múltiplas edições dos seus textos académicos, em particular «*Ciência Política*», «*Teoria das Relações Internacionais*», «*A Europa em Formação (a crise do Atlântico)*», obras em que foi inovando e incorporando pensamento rigoroso e experiência acumulada, continuam a ser fonte de inspiração universitária, passaportes para o amanhã, complementadas com colectâneas de reflexões para aprofundamento de matérias, como os «*Estudos da Conjuntura Internacional*» (2000), «*A Circunstância do Estado Exíguo*» (2009) ou o recente «*Memórias do Outono Ocidental. Um século sem bússola*» (2013). A coordenação da obra «*Terrorismo*» (2004), que juntou, em análise reflexiva, diferentes especialistas, é o resultado de outra das facetas de Adriano Moreira, a de agregador de vontades e pensamento.

Presidente do Conselho Geral da Universidade Técnica, de Lisboa, foi um dos obreiros da fusão de universidades que deu origem, em 2013, à Universidade de Lisboa onde nos encontramos. Acreditou ser possível unir esforços, transformar a realidade. Dotado desse espírito empenhado, construtivo, tinha antes sido capaz de moldar, ao longo de perto de uma década (1998-2008), no sistema de ensino superior português e como Presidente do Conselho Nacional de Avaliação do Ensino Superior, o ambiente propício ao processo de avaliação sistemática das universidades e dos institutos politécnicos, através da adesão voluntária ao processo. Mais amplamente, e enquanto membro do Conselho Nacional da Educação, Adriano Moreira contribuiu para o urdir do espírito crítico, responsável, que deve enformar o sistema de educação em Portugal.

Tem sabido guardar silêncios, quando necessário, e intervir, quando oportuno, e são patentes na sua praxis a

clareza e a frontalidade com que assume ideias, defende causas, não cruza os braços, eleva a voz, mesmo na abertura à experiência sem fronteiras e ao tempo sem fim da solidariedade intergeracional. Como Ministro do Ultramar (1961-1963), como deputado da Assembleia da República (1979-1995) e depois Vice-Presidente da Assembleia da República (1991-1995), como cidadão activo e responsável, usando o palco dos *media*, fazendo ecoar a história, com as suas glórias e as suas misérias, antecipando futuros, sempre agarrado ao presente onde tudo se ganha e se perde, mas com enquadramento estratégico.

Recebeu as mais elevadas condecorações nacionais e internacionais, entre outras a Grã Cruz de Cristo, a Grã Cruz da Ordem Militar de Santiago de Espada, a Grã Cruz de S. Silvestre, a Grã Cruz da Ordem de Isabel a Católica, a *Royal*



No Instituto Superior Naval de Guerra, na Universidade Católica Portuguesa, concretamente no Instituto de Estudos Políticos, onde se desenvolvem uma Linha de Investigação sobre o Mar e um Programa Avançado de Estudos do Mar, as suas reflexões lúcidas, espraçadas e actualizadas, ontem como hoje, escancaram horizontes e desafiam a acção

Victorian Order, a Medalha Militar de Serviços Distintos Grau Ouro da Marinha. E os prémios sucedem-se, desde logo, o Prémio Abílio Lopes do Rego da Academia das Ciências de Lisboa, o Prémio Cultural Árvore da Vida - Padre Manuel Antunes do Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura, o Prémio Cultura e Ciência 2009, da Fundação Luso-Brasileira, o Prémio Pedro Hispano 2010, o Prémio Personalidade da Lusofonia 2011.

Longe da imensidão de azul que espelha o céu, naquele «*nunca acabar de terra grossa, fragosa, bravía*» que o também transmontano Miguel Torga trazia no coração, foi ao mar visionado na carteira da escola primária que os olhos de Adriano Moreira se colaram para não mais largar. De modo intenso e sistemático, lembra que a vocação de Portugal é atlântica, que a posição geoestratégica do nosso país é uma mais-valia europeia que Portugal tem de saber valorizar, além do mais no alargamento da plataforma continental, preparando-se científica, cultural e economicamente para uma nova etapa do ser colectivo. No Instituto Superior Naval de Guerra, na Universidade Católica Portuguesa, concretamente no Instituto de Estudos Políticos, onde se desenvolvem uma Linha de Investigação sobre o Mar e um Programa Avançado de Estudos do Mar, as suas reflexões lúcidas, espraçadas e actualizadas, ontem como hoje, escancaram horizontes e desafiam a acção.

5 A vós, estudantes, me dirigi há pouco, através de Adriano Moreira. Dirijo-me de novo a vós, também por seu intermédio, citando Alfred de Vigny:

«*Uma grande vida é sempre o pensamento de adolescência realizado mais tarde na idade adulta*».

Termino ampliando a palavra à mulher de Adriano Moreira, Mónica Moreira, e tão simplesmente porque a razão do Prémio Universidade de Lisboa 2014 é a vida e obra de Adriano Moreira. Honra-se quem o recebe. Honra-se igualmente quem o atribui. Assim espero que continue a ser para que, como no Evangelho segundo S. João, «*o sementeiro se alegre juntamente com o ceifeiro*». ■